

## **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol.**

Leda Maria da Costa

### **1. Introdução**

Nunca na história, a mulher teve tanta liberdade para se autocriar em termos identitários. Nunca na história do futebol a participação das mulheres foi tão grande e significativa. Há um sensível desgaste na idéia de que “futebol é coisa de homem”, pois é muito difícil repetir essa sentença sem vê-la contestada pelo razoável número de mulheres que atuam como profissionais, ou que fazem do futebol um lazer para os seus momentos de folga. Se ligarmos a TV ou o rádio, lá estão elas falando de futebol numa mesa redonda de domingo ou atuando como árbitras e jornalistas nos gramados do país e do mundo afora. Trata-se de um fenômeno mundial, que já há algum tempo vem sendo tema de muitas pesquisas acadêmicas dentro e fora do Brasil. Este texto também segue o caminho de abordar a temática da participação feminina nesse território chamado futebol. Dentre vários assuntos a partir dos quais poderíamos dar partida a esse empreendimento, aqui será enfocada a mulher exercendo o papel de torcedora.

A mulher como-ser-que-torce vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da Internet. Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados. A proliferação de alguns produtos criados para uso específico do público feminino demonstra que o interesse das mulheres pelo futebol só faz crescer nos últimos anos. Vários são os modelos de camisas de times, seleções e torcidas

organizadas com versões mais apropriadas para o corpo feminino. Outros acessórios como bolsas, brincos, pulseiras, relógios, anéis e até calcinhas, com estampas do escudo de um time de futebol, podem ser facilmente encontrados.

Outro importante índice refere-se à presença das mulheres nas torcidas organizadas. Muitas dessas instituições possuem facções femininas: Jovem Fla Pelotão Feminino (RJ – Flamengo), Dragões da Real (SP – São Paulo Futebol Clube), Galoucura Feminina (MG – Atlético Mineiro), Camisa 12 (RJ – Vasco da Gama), Mulheração (RJ – Volta Redonda), Gatas da Fiel (Pará – Paysandu). Há outras mulheres que se reúnem de modo virtual em sites de relacionamento e formam comunidades através das quais cantam seu amor a um clube ou ao futebol: “Mulher também gosta de futebol”, “Mulheres que amam futebol”, “Loucas por futebol”, “Meninas que gostam de futebol”, “Força Feminina Vasco da Gama” etc. A simples existência desses agrupamentos, sejam eles virtuais ou não, aponta para uma crescente incorporação da mulher na esfera torcedora. Essa incorporação, entretanto, apresenta alguns obstáculos e um dos mais importantes refere-se à legitimação da mulher como indivíduo que não apenas é capaz de nutrir sentimentos de pertencimento clubístico, mas que também pode interessar-se pelo jogo de futebol, compreendê-lo em seus aspectos técnicos e táticos.

Essa necessidade de legitimação se justifica por uma certa desconfiança que ainda recai sobre a mulher quando o assunto é futebol. Em alguns países, esse esporte incorporou e disseminou, durante um longo período, uma série de “valores andriarçais” (Dunning 1997: 323) e a torcida com seus gestuais, seu vocabulário e seus rituais, ao longo dos anos, se configurou como espaço simbólico e concreto de exaltação dos “atributos masculinos de potência, virilidade” (Toledo 1996: 65). Sendo assim, é possível imaginar um bom número de obstáculos surgidos

para a inserção e principalmente para a legitimação das mulheres como torcedoras nesse espaço de masculinidades exaltadas.

Em regiões como Inglaterra, Brasil e Itália, é muito provável que desde pequenos um grande número de meninos seja criado em contato com a bola e faça dela assunto compartilhado em rodas de amigos. Ainda que muitos não possuam grande interesse por futebol, é provável que esse esporte entre em suas vidas mesmo sem pedir licença. Assim ocorreu com o semiólogo italiano Humberto Eco cuja convivência com o futebol deu-se a contragosto<sup>1</sup>, pois, embora o detestasse, houve momentos em que lhe foi inevitável participar de algumas partidas com seus colegas de colégio, assim como foi inevitável ser levado pelo pai aos estádios de futebol (1984: 227). Jogar uma pelada no fim de semana ou sair com os amigos para assistir a um jogo em algum estádio de futebol são importantes instrumentos de socialização masculina. Sendo assim, é grande o grau de familiaridade que muitos homens possuem com o futebol e isso faz com que tanto seu interesse quanto seu conhecimento acerca desse esporte sejam tomados como uma espécie de segunda natureza masculina.

Este cenário seria bem diferente se estivéssemos falando sobre futebol nos EUA ou na China, por exemplo. Nesses países, futebol é um assunto de mulher. Em 1999, a seleção de futebol feminino dos Estados Unidos sagrou-se bicampeã mundial diante de 90 mil espectadores no estádio Rose Bowl. A conquista da taça deu àquela seleção a primeira capa de revistas como a *Time*, *People*, *Newsweek* e *Sports Illustrated* que exaltavam a vitória do time de Mia Hamm jogadora cujo nome, cinco anos mais tarde, marcaria presença na controvertida lista dos 100 melhores jogadores de futebol vivos, elaborada por Pelé. Há uma estimativa de que pelo menos 10 milhões de norte-americanas participem de torneios oficiais de futebol.

No caso das mulheres brasileiras o panorama é bem diferente, pois, ao contrário dos homens, elas costumam ser dissociadas do esporte mais popular do país. Daí a necessidade de

mostrarem que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos. Afinal elas carecem de credibilidade como torcedoras. Credibilidade que também se vê diminuída por conta da pouca experiência feminina na prática do jogo, pois comparado aos homens não é grande o número de mulheres que praticam futebol como profissionais ou mesmo amadoras.<sup>2</sup> Anne Coddington toca nesse ponto reconhecendo-o como um dos principais obstáculos também enfrentados por várias torcedoras inglesas: “‘You’ve never played football’. And that accusation is one that a men can always make to a women (...) there remains a vital connection between women playing and supporting football” (Coddington 1997: 11).

Esse contexto adverso faz com que seja comum pressupor que futebol é um tema sobre o qual as mulheres não possuem autoridade para conversar. Baseado nessa hipótese recentemente circulou na Internet um texto intitulado “Regras para as mulheres na Copa do Mundo” cujo primeiro mandamento estipulava: “1 – De 9 de junho até 9 de julho de 2006, você deve ler toda a seção de esportes do jornal para ficar atualizada sobre o que está acontecendo na Copa do Mundo, desta forma você estará capacitada à juntar-se às conversas. Se você falhar nesta atividade, você será olhada de uma forma ruim, ou será totalmente ignorada. NÃO RECLAME por não estar recebendo nenhuma atenção.” A falta de conhecimento das mulheres em relação às regras de futebol também foi um tema amplamente explorado por comerciais, jornais impressos e programas televisivos exibidos no período da Copa do Mundo realizada na Alemanha. O *Fantástico* da Rede Globo de televisão colocou no ar um quadro em que alguns galãs das telenovelas explicavam as regras básicas do futebol para as mulheres. Seguindo essa mesma linha, o *Domingo espetacular* da Rede Record, realizou um encontro com algumas mulheres, entre elas a mãe do jogador Cafu e a árbitra Silvia Regina, com a intenção de testar seus conhecimentos acerca do futebol. Grande parte dos meios de comunicação envolvidos na recente

cobertura da Copa do Mundo entreviu um público feminino pouco familiarizado com o futebol e cujo interesse pelo referido esporte somente é despertado nos períodos da Copa por conta da participação da Seleção Brasileira. Por isso, o Blog “Bola, batom e companhia” hospedado no Globo on line comenta: “Rapaziada, pedimos licença para invadir a área sagrada do futebol vosso de cada dia (...) Pois é, o Mundial está chegando e a gente resolveu experimentar também um pouco dessa obsessão. Daí a idéia do blog ‘Bola, Batom e Cia.’” (<http://oglobo.globo.com/online/blogs/batom/>).

Tantos anos de predomínio masculino deixaram suas marcas no imaginário futebolístico. Para se estabelecerem como torcedoras, é preciso ir contra uma série de representações que fomentaram a idéia de que as mulheres e o futebol atuam em campos opostos. Ilustrativo dessa suposição é o curioso livro do cineasta português António-Pedro Vasconcelos intitulado *Por que as mulheres não gostam de futebol?*<sup>3</sup> no qual podemos ler que: "O futebol é o maior divisor comum entre Adão e Eva, e o que sempre me intrigou não foi perceber por que razão as mulheres de que a gente gosta não gostam de futebol, mas por que razão detestam que a gente goste" (2001: 219). O cineasta português pressupõe a existência de uma rivalidade entre as mulheres e o futebol que por sua vez seria reflexo de um antagonismo entre os sexos. Nesse processo de construção de oposições, o futebol é anexado ao território masculino e dele não desgruda em busca de um intercâmbio com o feminino.

Certamente o aumento da participação feminina vem desmistificando essas afirmações tornando-as alvo de ampla contestação, mesmo assim ainda é possível perceber a permanência de certas visões que enxergam a mulher como elemento ainda pouco integrado ao universo futebolístico. Entretanto, essas opiniões não se inspiram apenas em estereótipos.

De fato existe uma fatia do público feminino de futebol que não está muito interessada em saber o que significa impedimento ou saber os resultados da última rodada dos campeonatos.

Há um bom número de mulheres, principalmente as mais jovens, que passam a freqüentar treinos e jogos para verem de perto jogadores que se tornaram ídolos em suas vidas não porque são habilidosos com a bola, mas por causa dos seus dotes físicos. Jogadores como Kaká, Beckham, Adriano, Cristiano Ronaldo e tantos outros são alvo de suspiros de milhares de meninas que se organizam em fã clubes para seguirem seus passos e gritarem por seus nomes em todo canto do planeta. Outras mulheres passam a conviver com o futebol para fazer dele uma arena de flertes em que a beleza não importa tanto e o que conta mesmo é o status econômico e social do jogador. Não é sem motivos que a modelo Alexandra Paressant viveu seus minutos de fama confessando ao jornal *The Sun* que durante a Copa do Mundo, Ronaldinho Gaúcho havia escapado várias vezes da concentração da Seleção Brasileira para curtir com ela tórridas noites de amor.

Essas diferentes modalidades de relacionar-se com o futebol e os estereótipos que giram em torno da figura feminina constituem questões extremamente importante para a composição identitária de um bom número de mulheres desejosas de legitimaram-se como torcedoras. Dialogando com as questões acima elencadas, mais à frente serão abordadas de maneira breve algumas formas de representação e auto-representação do público feminino de futebol.

## **2. Das arquibancadas ao ciberespaço**

“Aquilo é o mundo”<sup>4</sup> disse Dona Maria de Lurdes, ao entrar pela primeira vez no Maracanã na década de 1950. Ir a essa praça esportiva significava um dos únicos momentos de liberdade concedida pelas inspetoras do colégio interno no qual estudava. Aquela que tempos depois se tornaria a torcedora-símbolo do Fluminense (RJ), conhecida como Vovó Tricolor, tinha naquela época, a cada mês de outubro, seus horizontes ampliados por um esférico e majestoso estádio de futebol. Esse exemplo mostra que estudar a trajetória feminina dentro da história do

futebol apenas pelo viés da exclusão pode se mostrar pouco profícuo, principalmente quando enfocamos a participação das mulheres como público desse esporte.

Desde o início do século XX, mesmo que a prática esportiva não lhe fosse recomendada, assistir às disputas de remo, às corridas de cavalo e aos jogos de futebol possibilitava à mulher experimentar o mundo para além dos domínios da casa. O futebol, assim como outras modalidades esportivas, proporcionou à mulher uma das raras oportunidades de exposição e entrada nos espaços públicos. Mas se o futebol foi útil para a mulher, o público feminino também foi muito importante para o estabelecimento desse esporte em terras brasileiras. Nas primeiras décadas do século XX, a presença de senhoritas da alta sociedade contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão associando-o à elegância, tranquilidade e beleza tornando-o, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas: “As jovens moças – descritas pelo cronista como ‘o elemento frágil da série humana’ – eram, portanto parte ativa da consolidação do jogo por entre esses círculos elegantes, contribuindo decisivamente para sua transformação em evento social da moda” (Pereira 2000: 76). Nessa época o termo “torcedora” não costumava ser aplicado para fazer referência à frequência feminina nas partidas de futebol.<sup>5</sup> Entretanto, ainda na década de 1920, duas peças de teatro estampam no título o termo “torcedora” o que indica o início da incorporação no imaginário dessa figura ainda bastante embrionária.

Na peça “As torcedoras” escrita por Luiz Iglesias e M. Paradella, em 1927, o jogo de futebol é usado como metáfora das relações entre elementos da mesma família entendidos como adversários que atuam em campos opostos. A primeira cena da peça nos mostra a personagem Margarida pedindo ao pai para assistir ao jogo entre Flamengo X Vasco, pedido que é prontamente negado, pois Regina a madrasta da menina tinha-lhe colocado de castigo. Irritada com os desmandos da madrasta, Margarida e sua irmã, Rosa, acompanhadas de seus noivos

decidem pagar ao empregado da casa, Marvino, para que ele finja estar apaixonado pela madrasta delas. Margarida e Rosa ficam à espreita assistindo à encenação de Marvino e fazendo a vez de torcedoras, anseiam para que a madrasta ceda aos encantos do empregado e seja flagrada em adultério, o que tornaria possível chantageá-la e assim diminuir sua excessiva autoridade. Embora, a peça inicialmente mostre a personagem Margarida manifestando vontade de assistir à partida entre Vasco X Flamengo, no restante da obra o termo torcedora é empregado em sentido metafórico para fazer referência ao desejo das duas irmãs de “vencer” a madrasta conseguindo da mesma autorização para seus respectivos matrimônios. Por isso, ao ver o sucesso do plano mirabuloso, uma das meninas comenta: “foi canja, um a zero ali na Dona Regina”.

Algo diferente ocorre na peça “A torcedora do Vasco” escrita, em 1921, por Antonio Quintiliano. Apesar de ser uma obra com forte tom caricatural, é possível perceber um novo perfil feminino traçado por intermédio do esporte que no caso não é o futebol, mas o remo. No lugar das mocinhas desprotegidas, à espera de um casamento ou subordinadas aos seus maridos, vemos uma mulher que autoritariamente inverte os papéis e que ao longo da peça não cansa de repetir “Que marido maricas!”. Sofia manda e desmanda na casa, a sua palavra é sempre a última, cabendo ao marido Leandro apenas concordar com suas decisões. Além de mandona Sofia não é aquele tipo de esposa prendada e sempre preocupada em cuidar do marido, ao contrário, Sofia “só cuida de regatas!” Nada de cozinhar, lavar roupas ou limpar a casa, pegar o carro e ir à praia torcer pela equipe de remo do Vasco da Gama é a principal atividade de Sofia. Essa mulher tem anexado ao seu perfil dois ícones da modernidade: o automóvel e o esporte. Embora ambos sejam experimentados ainda de maneira passiva – já que Sofia não dirige o carro e não pratica, mas assiste às competições de remo – a peça “A torcedora do Vasco”, mesmo que com estilo cômico e excessivo, trabalha ficcionalmente um fenômeno perceptível no cotidiano daquela época e que



diz respeito ao surgimento de novos modelos de mulher a partir da sua relação com a máquina e, principalmente, com o esporte.

Décadas depois, apesar de pouco numerosas, algumas mulheres ganharam visibilidade como torcedoras. Em 1953, a torcedora-símbolo Elisa do Corinthians destacava-se na massa torcedora, daí o prêmio de torcedora n.º 1 do clube paulista, chegando a ganhar ingresso permanente concedido pela própria Federação Paulista de Futebol, o que lhe permitia freqüentar livremente qualquer campo. A torcedora que não gostava de bagunça e que orgulhosamente dizia “Eu não faço desordem, tenho um nome a zelar. Eu sou Elisa, meu senhor” (Diaféria 1968: 118) era figura pública conhecida e respeitada. Outra mulher a se destacar no cenário futebolístico foi Dulce Rosalina que em 1961 ganhou o concurso de melhor torcedor do país e cujo troféu deu ao seu time de coração Vasco da Gama, a quem costumava acompanhar em partidas pelo Rio de Janeiro afora: “aqui lhe dou tudo quanto posso, compareço às concentrações, animo os atletas, ouço os dirigentes, dou-lhes o meu palpitezinho e, sempre em companhia do Ramalho e de outros devotados vascaínos, estou presente no comando da nossa torcida” (Carvalho 2005: 163). A torcida em questão era a TOV fundada em 1944 por João de Lucas que por motivos de saúde em 1956 passa a presidência para as mãos de Dulce Rosalina que se torna a primeira mulher a liderar uma torcida organizada. Por problemas políticos em 1976 Dulce deixa a TOV e funda a Renovascão da qual participou até seu falecimento em 2004.

O fato de serem mulheres contribuiu muito para a popularidade tanto de Dulce Rosalina quanto de Elisa do Corinthians, conferindo-lhe singularidade, afinal, nas décadas em que elas surgem no cenário futebolístico a torcida, em sua ampla maioria, era formada por homens. A condição feminina pode conceder alguns privilégios e esse aspecto fica bastante claro, principalmente, no caso das torcedoras-símbolo. Grande parte dessa tipologia de torcedora é composta por mulheres de idade madura, o que reforça sua dissociação da violência assim como

a reveste de atributos maternos. Por isso, algumas dessas torcedoras podem ter a oportunidade de transitar com mais facilidade entre jogadores, técnicos e dirigentes. A já falecida Elisa do Corinthians gozava de vantagens que provocariam inveja a qualquer marmanjo: “Os jogadores a respeitam como mãe e a chamam de tia; o técnico não acha ruim quando ela resmungua contra a escalação; o presidente a cumprimenta quando ela passa. Entra na concentração para distribuir conselhos e exigir luta no momento de luta” (Diaféria 1968: 114). O mesmo podemos dizer em relação a Vovó tricolor para quem as portas do Fluminense sempre estão abertas. Suas regalias também se estendem às arquibancadas onde costuma ser respeitada e protegida pelas torcidas organizadas de possíveis confusões.

E por falar em torcidas organizadas é interessante salientar que alguns estudos costumam apontar para um grande decréscimo da participação feminina nos estádios brasileiros, sobretudo nos anos de 1980, justamente por conta da atuação desses agrupamentos, principalmente, no que diz respeito à violência praticada pelos mesmos (Lever 1983). Nessa época as organizadas tiveram sua imagem fortemente vinculada à desordem e ao vandalismo e, provavelmente, isso tenha afastado muitas mulheres dos estádios. Mas, também, é provável que tenha afastado muitos homens. A queda de público nos estádios do país, acentuada naquela década, pode ser notada desde a metade da década de 1970 (Helal 1997: 50) e as razões de tal fenômeno não estão apenas relacionados à violência, mas há uma série de questões relativas a um contexto mais amplo que diz respeito à estrutura econômica e administrativa do futebol brasileiro. Também é importante lembrar que as mulheres, geralmente, estão em menor número nos estádios, portanto um decréscimo geral de público, às vezes, pode provocar a impressão de que somente elas se evadem dos estádios de futebol.

Associar a diminuição da frequência feminina nos estádios à presença das torcidas organizadas parte do pressuposto de que haveria uma certa incompatibilidade entre as torcidas

organizadas e o público feminino de futebol. Por serem compreendidas e, muitas vezes, elas mesmas se mostrarem como espaços de exaltação de masculinidades e de condutas brutas, conjectura-se que esses agrupamentos tanto criariam obstáculos para a participação feminina assim como as próprias mulheres se sentiriam pouco inclinadas a participarem desses grupos. Entretanto, é preciso considerar que muitos homens, por motivos variados, não se sentem motivados a serem integrantes de organizadas ou mesmo a ficar próximos desses agrupamentos nas arquibancadas. Por outro lado, é preciso considerar que as torcidas organizadas não se manifestam apenas por intermédio da violência física, do mesmo modo que nem todas as mulheres são avessas a comportamentos desordeiros.

A antropóloga Rosana Teixeira em seu trabalho *Os perigos da Paixão* já nos mostrou o grande interesse que algumas organizadas possuem em incentivar a participação feminina em seus quadros, até mesmo como tentativa de “mudar a imagem da torcida” (2003: 54). De fato, a presença de mulheres nesses agrupamentos, muitas vezes, é celebrada como índice positivo de diferenciação ao conferir aos grupos um caráter de inovação e pioneirismo. Esses aspectos são bastante ressaltados pelo Pelotão Feminino Jovem Fla ao afirmar em sua página na internet que “Como sempre a Torcida Jovem do Flamengo, inovando e sendo a pioneira em lançar uma ramificação de sua Torcida destinada à parte Feminina” (<http://www.hostmaster.kit.net/pelfem/1.htm>).

Assim como o Pelotão Feminino, muitas outras mulheres interessadas em futebol têm utilizado a Internet como veículo para manifestarem suas idéias e posturas comportamentais. O ciberespaço é amplamente aproveitado pelo público feminino de futebol, fornecendo deste modo um interessante material através do qual é possível darmos alguns passos no universo das torcedoras. O primeiro aspecto que chama atenção no discurso colocado na rede é a recorrente tentativa de traçar uma distinção entre as mulheres “verdadeiramente” interessadas em futebol e

aquelas que fazem dele um mero veículo de entretenimento passageiro e superficial. Essa necessidade é reflexo de uma dificultosa incorporação do elemento feminino na esfera torcedora, porque apesar do destaque que algumas mulheres ganharam por conta de sua dedicação a algum clube, a imagem que ecoa em nosso imaginário está mais próxima daquela grã-fina narinas de cadáver<sup>6</sup> que segundo seu criador Nelson Rodrigues costumava perguntar incessantemente ao marido: “quem é a bola?” (1993: 141). Ao lado dessa grã-fina, figura a Maria-chuteira que herda sua falta de interesse pelo jogo fazendo dele apenas um trampolim econômico e social. À medida que o futebol foi se tornando um esporte capaz de movimentar cifras milionárias a Maria-chuteira ampliou seu campo de atuação e longe de desaparecer está mais presente do que nunca. É em oposição a esse tão antigo modo de interação feminina com o futebol que um bom número de torcedoras contemporâneas vêm alicerçando suas identidades.

### **3. Maria-chuteira X torcedoras “autênticas”**

Há uma espécie de luta por legitimidade expressada em parte do público feminino do esporte mais popular do país, daí o imperativo de separar o joio do trigo ou, no caso, separar as “autênticas” torcedoras do restante, muitas vezes, denominado genericamente de Maria-chuteira.

A facção feminina da Dragões da Real deixa clara essa distinção:

‘Marias chuteiras’. Era assim rotulada a presença feminina nos estádios brasileiros pelos mais machistas. Se referiam desta forma às mulheres que iam aos estádios *não para torcer, mas para ver seus ídolos*. Podemos dizer que esta visão sobre a presença feminina já quase não existe, embora as “Marias chuteiras” continuem existindo, hoje são absoluta minoria nos estádios. Logo foi percebida a presença das *verdadeiras* torcedoras em grandes clássicos, em caravanas para outros estados e até outros países, presença esta que não podia ser ignorada” (<http://www.dragoesdareal.com.br/nucleos/femin.html> – Grifos meus)

A terminologia, antes usada para denominar de maneira geral e estereotipada a presença feminina nas arquibancadas, é empregada pelas meninas da Dragões para criar uma importante diferenciação dentro daquilo que antes era concebido como indiferenciado. Maria-chuteira passa a denominar uma camada específica no interior do público feminino, uma camada formada por mulheres que privilegiam a visão em detrimento de um envolvimento mais intenso com o futebol. A oposição criada entre as esferas do *ver* e a do *torcer* enfatizadas no trecho acima simboliza formas de participação diferenciadas, a primeira representa o contato superficial baseado primordialmente no impacto da imagem e o segundo configura-se como um ato que, como salienta Roberto DaMatta, envolve o corpo como um todo: “Eu admiro com os olhos e vejo com a mente, mas, para torcer, sou obrigado a usar meu corpo: minhas mãos, minhas pernas, minha boca e todo meu corpo” (2006: 113).

Não é difícil compreender a aversão gerada pela figura da Maria-chuteira, afinal essa personagem de ampla penetração no imaginário nacional é freqüentemente representada de maneira folclórica e quase sempre depreciativa. Elas teriam um parentesco com uma antiga linhagem, inaugurada por Eva, de mulheres sedutoras e astuciosas que desviam o homem do caminho da virtude. No caso do futebol, as Maria-chuteiras desviariam os jogadores de seus treinos e concentrações, o que em alguns casos comprometeria o desempenho em campo. Essa imagem poderia ter sido mundialmente contrariada pelo relacionamento entre a modelo Daniela Cicarelli e o jogador Ronaldo. Afinal, no início desse romance, Carlos Alberto Parreira, o então treinador da Seleção Brasileira, agradeceu a Cicarelli por estar ajudando Ronaldo a emagrecer fazendo-o manter uma rotina diária de treinamentos físicos. Entretanto, as polêmicas geradas pelo espetaculoso casamento dos dois e pela meteórica separação colocaram por água a baixo aquela possibilidade. As Maria-chuteira continuam a ser freqüentemente associadas às forças maléficas. Por isso, ao tomar conhecimento das possíveis escapadas do Ronaldinho Gaúcho para se

encontrar com a modelo Alexandra Paressant, grande parte da imprensa brasileira relacionou esse fato às más atuações de Ronaldinho durante a Copa do Mundo. Provavelmente por isso, o camisa 10 da Seleção não apenas negou as afirmações de Alexandra como anunciou que processará a modelo por ter dado declarações que poderiam afetar negativamente sua imagem.

Essas Circes modernas usam seu poder de sedução a serviço do dinheiro e da fama. No imaginário popular, as Maria-chuteiras são como as vilãs das telenovelas que investidas de más intenções traçam planos perversos de ascensão social, assim diz a canção da banda paulista Velhas Virgens: “Vivia ao lado de pagodeiros/ E dos jogadores de futebol/ Meu futuro tava escrito: viagem, grana e sol/ E foi numa dessas boates que escolhi a minha vítima (...) Maria-chuteira transar sem camisinha/ Maria-chuteira depois pagar pra ver/ O cara tinha futuro/ Seu destino era a Espanha (...)”. Do futebol, elas querem apenas o prestígio e o status que esse esporte possa lhe oferecer por intermédio dos jogadores. O colunista Xico Sá da *Folha de São Paulo*, numa de suas inúmeras referências às Maria-chuteiras, traça um irônico e mordaz perfil dessa personagem a qual nomeia de Sheylla:

Sheylla chuta a canela: "Maria-Chuteira sim, jamais uma celebridade fajuta que corre atrás de craques estrelas para faturar na mídia". A moça tem história. É Maria-Chuteira desde a várzea, quando apaixonou-se perdidamente e o coração fez overlapping com um lateral do torneio "Desafio ao Galo". Ela sabe tanto que até entendeu a ótima coluna do Tostão, aqui nesta Folha, sobre Lacan, Freud, vida real, Romário e os seus símbolos. Uma danada, essa mulher quase honesta.

Esperta, já começou a escrever um livro sobre o assunto, aproveitando dos seus pendores árabes: "O baixinho - mil gols, mil e uma noites" (*Folha de São Paulo*, 20 de Janeiro de 2006).

É necessário não se deixar confundir com essa tipologia feminina, por isso comunidades virtuais como, por exemplo, a “Mulheres que amam futebol” fazem questão de ressaltar o público alvo que se deseja atingir: “Mulheres que: Amam assistir o jogo; Amam jogar; Amam ir ao

estádio; Amam seu time; Amam tudo isso ao mesmo tempo” (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=435635>). As qualidades enumeradas reforçam um perfil de mulher que se aproxima do futebol por motivações relacionadas ao prazer de assistir os jogos ou mesmo praticá-lo. A paixão pelo clube também é o principal critério para se ser aceita como sócia da torcida organizada Feminina camisa 12 que em seu site adverte: “Apenas mulheres apaixonadas (pelo Vasco, é claro!) podem fazer parte desta torcida, que fica nas sociais de São Januário” (<http://www.netvasco.com.br/torcidas/femininacamisa12>). Já a comunidade “Fanáticas futebol clube” enfatiza que gostar só não basta, é preciso também demonstrar conhecimento, por isso a comunidade alerta que pretende reunir: “Mulheres que amam e *entendem* o futebol” (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=9463400>).

É provável que aquela tipologia feminina, cujos principais traços são apagados nesses discursos, seja tão antiga quanto o próprio futebol e é possível que também possua algum parentesco com as Maria-gasolina. Ambas as personagens demonstram a força do impacto de dois ícones da modernidade que passam a servir de mediadores das relações amorosas: o carro e o esporte. Tanto um quanto outro foram responsáveis por mudanças no perfil masculino. Enquanto o carro associava o homem à velocidade e ao domínio da máquina, os esportes inscreviam nos próprios corpos masculinos as conseqüências de sua introdução nas cidades. Homens fortes com seus músculos à mostra transformaram-se rapidamente em objeto de admiração e desejo das mocinhas que freqüentavam os clubes. Adeus ao homem das letras, pálido e fraco. Em seu lugar surge o atleta ou no caso específico, o jogador de futebol dono de “uma espécie de retórica física, incomparavelmente mais eficaz do que a verbal” (Rosenfeld 2000: 81). A eficácia verbal passava de mãos, agora as mulheres é que recorriam aos versos para cantar a beleza e a força daqueles jogadores que em campo exibiam vigor e virilidade. Assim nasceram os versos de “O salto”, que deu a sua autora, Ana Amélia de Mendonça, o título de a

“primeira mulher brasileira a tratar de futebol” (Pedrosa 1967: 109). Ana Amélia fez o poema em homenagem ao seu futuro marido, o goleiro Marcos de Mendonça por quem se enamora durante uma partida do Fluminense, durante a década de 1910:

*Ao ver-te saltar para um torneio atlético,  
sereno, forte, audaz como um vulto da Ilíada,  
todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético.  
como diante de um grego, herói de uma Olimpíada.  
Estremeci fitando esse teu porte estético,  
como diante de Apolo estremecera a dríada,  
Era um conjunto de arte esplendoroso e poético,  
enredo e inspiração de uma helioconíada,  
No cenário sem par de um pálido crepúsculo  
tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo,  
Por entre as aclamações de massa entusiástica.*

*Como um Deus a baixar do Olimpo, airoso e lépido,  
tocaste o solo, enfim, ardente, intrépido,  
belo na perfeição da grega e antiga plástica (Apud Coutinho 1980: 116).*

A mediação do futebol nas relações amorosas também é abordada no conto “Corinthians (2) X Palestra (1)”, de 1927, de Alcântara Machado. Nele vemos a personagem Miquelina que costumava enamorar-se do jogador cujo time fosse vencedor. Por conta disso, separa-se de Biagio atleta do Corinthians, passando a “torcer para o Palestra” clube em que desponta Rocco a quem começa a namorar (1990: 34). O futebol é nesse conto o principal símbolo de modernidade que configura o cenário de uma São Paulo cada vez mais urbanizada e atravessada por automóveis, bondes e aeroplanos: “Moças Comiam amendoim torrado, sentadas nas capotas dos automóveis (...) Um aeroplano passou sobre o campo” (1990: 35). No conto de Alcântara Machado, o futebol confere ao homem um *status* diferenciado, principalmente se ele jogar no time vitorioso, por isso o embate Corinthians X Palestra simboliza a disputa entre Rocco e Biagio pelo amor de Miquelina. E nessa disputa, Rocco e o Palmeiras saem perdendo. Após a



vitória do Corinthians, o antes desprezado Biagio volta a ser alvo do interesse amoroso dessa menina que vincula a paixão pelos homens à paixão pelo time.

Mas nem tudo que parece é. Por trás de manifestações que à primeira vista poderiam ser consideradas como típicos casos de Maria-chuteira escondem-se exemplos de dedicação ao futebol. A poetisa Ana Amélia de Mendonça ficou encantada com o perfil atlético do goleiro Marcos de Mendonça, mas já tinha um caso antigo com esse esporte. Quando aos 13 anos, volta da Europa traz consigo livros de poesia e algumas bolas de futebol, transformando-se, então, numa incentivadora do esporte bretão chegando mesmo a treinar os operários da fábrica de seu pai (Coutinho 1980: 114). Já Dulce Rosalina foi casada com o jogador Ponce de Leon, na época do São Paulo F.C e, tempos depois, se tornou, como vimos, uma torcedora-símbolo do Vasco da Gama. Esses exemplos mostram que Maria-chuteira é apenas um nome e como tal tende a minimizar as particularidades em favor de aspectos generalizantes.

Sem dúvida, a carga semântica do termo é bastante negativa, pois diz respeito a estereótipos não apenas relativos às mulheres enquanto público de futebol, mas à própria condição feminina. Por isso, é bastante compreensível que algumas mulheres, em busca de legitimidade como torcedoras, tenham feito da Maria-chuteira uma alteridade da qual tentam se diferenciar. Também é compreensível que se busque apagar qualquer marca que remeta a essa malvista figura e aos atributos a ela relacionados, evitando, entre outras posturas, manifestar o interesse despertado pelo físico dos jogadores, já que se trata de uma atitude frequentemente compreendida como um reforço da hipótese da falta de competência feminina, no que diz respeito a comentários mais “sérios”, ou seja, relativos ao desempenho técnico dos atletas e tático das equipes. Porém, nada impede que uma torcedora possa admirar a beleza de um jogador e ao mesmo tempo tenha noção da sua capacidade técnica. Do mesmo modo, nada impede que uma

menina encantada com o charme de Beckham, de tanto assistir a seus jogos comece a se interessar por futebol e passe a acompanhá-lo mesmo quando o jogador inglês estiver ausente.

#### **4. Feminilidades e masculinidades em jogo**

Em 1920, o romancista Arnold Bennett publicou o livro *Our Women: Chapters on the Sex-discord* no qual afirmava a natural inferioridade intelectual da mulher. No mesmo ano, seu amigo Desmond MacCarthy, sob o pseudônimo de Falcão Afável, escreveu uma resenha para a revista *New Statesman* tecendo comentários acerca daquela obra, apoiando de maneira irrestrita as opiniões de Bennett ao declarar que “Nenhuma mulher produziu pinturas, esculturas ou músicas que não fossem de segunda classe (...) o intelecto é uma especialidade masculina” (*Apud* Woolf 1997: 22). Dias após, a mesma revista tornou pública uma carta da escritora Virginia Woolf em resposta às considerações de Falcão Afável, dando início, assim, a um debate com direito à réplica de ambos os lados. Durante a polêmica, com inteligência e ironia Virginia realiza um importante movimento de desnaturalização dos preconceitos demonstrados tanto por Bennett quanto por MacCarthy acerca da condição feminina. Para a escritora inglesa, o pequeno número de mulheres que alcançaram visibilidade e respeito por conta de sua atuação seja na literatura ou na ciência, devia-se primeiramente às difíceis circunstâncias sociais, econômicas e culturais as quais muitas mulheres foram submetidas, ao longo dos anos. Sendo assim: “Para explicar a ausência completa não apenas de boas escritoras, mas também de más escritoras, eu não concebo outra razão senão a existência de algumas restrições externas às suas capacidades” (1997: 32).

As postulações de Arnold Bennett quanto a uma inata inferioridade das mulheres serão mais tarde exploradas no ensaio de Virginia *Um teto todo seu*, metáfora usada pela autora para

mostrar que o desenvolvimento das potencialidades de uma mulher depende de sua liberdade de ação e de condições materiais adequadas. Mais do que considerações acerca da conjunção entre literatura e mulher, os questionamentos de Virginia abarcam um amplo contexto referente à condição feminina:

Mesmo que fosse possível afirmar o valor de um dom qualquer num dado momento, esses valores se modificam; em um século eles terão, com toda a probabilidade, se modificado por completo. Além disso, dentro de cem anos, pensei, alcançando minha própria porta de entrada, as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido (...) A babá carregará carvão. A dona de casa dirigirá uma locomotiva. Todas as suposições fundamentais nos fatos observados quando as mulheres eram o sexo protegido terão desaparecido (...) Retirem-lhe essa proteção, exponham-nas aos mesmos esforços e atividades, façam-na soldados e marinheiros e maquinistas e estivadores, e as mulheres não morrerão tão mais jovens – e tão mais depressa – que os homens ao ponto de que as pessoas dirão ‘Hoje vi um mulher’, da mesma forma que se dizia ‘Hoje vi um avião’. Tudo pode acontecer quando a feminilidade tiver deixado de ser uma ocupação protegida, pensei ao abrir a porta (1985: 54).

Virginia acreditava que a idéia de sexo frágil ancorava-se no princípio de que a mulher era um indivíduo naturalmente inferior e incapaz de governar-se a si mesmo. Por isso, nos ensaios que dedica a esse tema, a autora enfatiza que nenhuma verdade pode sobreviver de maneira indelével ao passar do tempo. E Virginia tinha toda razão. Menos de cem anos se passaram e as mulheres conquistaram novas possibilidades de composição identitária. Recentemente, Angela Merkel foi eleita chanceler da Alemanha e Ellen Johnson-Sirleaf para a presidência da Libéria, como elas mais 10 mulheres ocupam o cargo mais alto de uma nação. Há mulheres administrando empresas, no exército, em áreas científicas e tecnológicas. Há mulheres carregando carvão, dirigindo locomotivas, caminhões e ocupando uma série de outras profissões classificadas como masculinas. O sociólogo francês Gilles Lipovetsky entende que desde a metade do século XX, o Ocidente presencia o momento histórico mais fecundo para o sexo feminino, pois em nenhum outro período seu destino e sua identidade passaram por uma revolução tão significativa:

Por primera vez, el lugar de lo femenino ha dejado de estar preordenado, orquestrado de cabo a rabo por el orden social y natural. El mundo cerrado de antaño há sido sustituido por un mundo abierto o aleatorio, estructurado por una lógica de indeterminación social y de libre gobierno individual, análoga en principio a la que configura el universo masculino (1999: 10).

Essa liberdade, entretanto, não anula a dicotomia entre os gêneros. Ainda continuamos a ser norteados por certos padrões ideais de feminilidade e masculinidade concebidos, muitas vezes, como entidades coerentes e que não se entrecruzam. Os esportes, vistos por Edgar Morin (1975) como um dos últimos redutos próprios para a afirmação da masculinidade, representam um dos espaços mais interessantes para pensarmos questões relativas aos mecanismos de construção social dos gêneros. No caso do futebol, esse território que em muitos países e durante tanto tempo foi compreendido como exclusivo para homens, temos um local privilegiado para observarmos os limites dos critérios que classificam nossas idéias em torno do que entendemos por feminino e masculino.

A estreita conexão estabelecida entre futebol e masculinidade é um dos principais motes a partir do qual é derivada uma série de representações em torno do futebol brasileiro. Como já foi dito acima, esse ainda é um dos principais problemas enfrentados pelas mulheres, principalmente enquanto jogadoras. Essa questão é exposta em uma das crônicas de João Saldanha em que podemos ler:

Imaginemos se um rapaz disposto a casar com uma moça lhe pergunta: o que é que você tem como atividade? A moça responde vigorosamente: 'Eu sou zagueiro central de um time lá do meu bairro', não se pode afirmar que daria em casamento este namoro (...) Mas o caso é que o físico feminino conseguido através da história é incompatível com o futebol (1971: 56).

Pelé já manifestou opinião próxima. Na década de 1980, ao desembarcar no Japão para participar de um evento, uma tradutora foi-lhe disponibilizada. Entretanto, para espanto de muitos, Pelé prontamente a recusou e pediu que ela fosse imediatamente substituída por um

homem. Irritada com a atitude do atleta, a intérprete foi em busca de explicações para o acontecido. Pelé com simpatia respondeu-lhe que não tinha nada contra as mulheres e que as achava plenamente capazes de serem especialistas em qualquer língua. Mas que, entretanto, não eram aptas para falar de futebol.

“Pretinha: só faltou ser menino” foi o título de uma matéria publicada no *Jornal dos Sports*, na década de 1990, sobre a jogadora Pretinha cuja habilidade, segundo o jornal, seria mais valorizada caso ela fosse homem. Algumas personagens de filmes e contos ilustram esse impasse. Na película sueca *Minha vida de cachorro* (Mitt Liv Som Hund), de Lasse Hallström, vemos a menina Sag fazer de tudo para esconder os seios e assim manter-se disfarçada de garoto para poder continuar atuando em um time mirim de futebol. E foi justamente pelos seios que Zeca, do conto “O goleiro do time”, de Edson Gabriel Garcia, revelou-se Maria José, gerando polêmica em toda cidade. Já Viola, protagonista da recente comédia americana “Ela é o cara” (She’s the man), inconformada com o fim do time feminino de futebol da sua escola, resolve fingir-se de homem para jogar futebol no colégio do irmão.

Mesmo quando elas não se disfarçam, é comum enxergá-las como mulheres masculinizadas. No caso das torcedoras, não é diferente. No Brasil, assim como a maioria das mulheres que demonstram uma ligação de proximidade e familiaridade com o futebol, recai sobre muitas torcedoras uma certa desconfiança quanto a sua feminilidade. Duas personagens, apaixonadas por seus clubes de coração, tornaram-se bastante populares no final da década de 1980, através do programa de humor *TV Pirata*. A primeira delas é a presidiária Tonhão, vivida pela atriz Cláudia Raia. Uma das fugas dessa assediadora de colegas de cela foi motivada pela vontade de assistir a uma partida do Vasco da Gama. Homossexual assumida e sempre trajada com roupas masculinas, Tonhão distinguia-se pela brutalidade, mostrando-se sempre disposta a espancar alguém que cruzasse seu caminho. Não sem motivos, ela também costumava ser vista

treinando boxe – outro esporte considerado masculino. Já a nossa outra personagem, Edicléia Carabina, era líder da torcida organizada botafoguense “Violência alvinegra”. Igualmente violenta e masculinizada, Carabina, interpretada pela atriz Regina Casé, surgiu como convidada em um dos quadros do TV Pirata intitulado TV Macho cujo objetivo principal era exaltar, de modo irônico e debochado, valores de macheza e virilidade.

Tanto Edicléia Carabina quanto a presidiária Tonhão compartilhavam determinadas características que ilustram certas concepções dominantes que muitos brasileiros têm acerca do futebol, compreendido como um esporte másculo e rústico. Por conta dessa pressuposição, imagina-se com frequência que uma mulher que demonstre interesse por essa modalidade, necessariamente, apresenta traços masculinos e reproduz uma série de gestuais e comportamentos tipicamente atribuídos ao homem. Nesse mecanismo evidenciam-se determinados padrões não apenas de feminilidade, mas, também, de masculinidade. Afinal quando dizemos que “futebol é coisa de homem” não apenas exclui-se o elemento feminino, como se elimina uma variedade de expressões do masculino. Eduardo Archetti (2000) já nos mostrou que a masculinidade não pode ser compreendida como um atributo universal e estável, pois é capaz de expressar-se através de uma multiplicidade de formas.

Nesse sentido, a assertiva acima mencionada precisa ser questionada não apenas porque sob ela escondem-se estereótipos femininos, mas porque, do mesmo modo, ocultam-se muitos clichês masculinos. Existem vários homens que não possuem interesse algum por futebol ou mesmo habilidade para exercitá-lo. Mesmo entre aqueles que torcem ou praticam esse esporte, as masculinidades podem assumir uma diversidade que deve ser levada em conta. Nem todo torcedor do sexo masculino é um arruaceiro por natureza e está disposto a se envolver em episódios de violência. Dentro e fora de campo, muitos jogadores contradizem noções

tradicionais do que é ser homem. Eles, por exemplo, têm demonstrado estar cada vez mais preocupados com a vaidade e questões relativas à moda. O elegante goleiro da década de 1910, Marcos de Mendonça – conhecido pela fitinha roxa que trazia presa à cintura –, jamais poderia imaginar que teria tantos seguidores. Atualmente, vários são os jogadores que usam como adorno brincos, pulseiras, anéis, cordões e tiaras. Outros declaram gastar muito dinheiro com cosméticos e profissionais para cuidar da pele, do cabelo, dos pés, das unhas etc.

Quanto ao desempenho dentro das quatro linhas também é possível perceber vários modos de expressão e apreciação de diferentes masculinidades que, algumas vezes, são associadas a estilos de jogo. No futebol brasileiro, por exemplo, a região sul do país costuma representar-se e ser representada a partir de uma valorização da masculinidade aguerrida e bruta. Já na região sudeste, principalmente, no Rio de Janeiro esse estilo costuma, muitas vezes, ser ridicularizado e tomado como sinônimo de futebol de má qualidade. Nesse caso, a preferência recai sobre uma performance masculina com ênfase na capacidade de driblar em que o jogador é, muitas vezes, concebido como um bailarino dos gramados.

Sendo assim, para continuarmos a repetir que “futebol é coisa de homem” é necessário especificar qual tipo de homem estamos falando, pois se quisermos questionar essa máxima é necessário lançar novas perspectivas e olhares em torno do nosso conceito de masculinidade na tentativa de compreendê-la como uma dimensão menos homogênea do que costumamos supor. O aumento da participação feminina no universo futebolístico tem sido importante, por contradizer noções de feminilidade ainda predominantes e culturalmente aceitas como ideais. Do mesmo modo que Virginia Woolf questionou uma série de verdades que giravam em torno da mulher, é igualmente importante fazer o mesmo em relação aos homens.

Pois, assim, será possível lançar novas perspectivas sobre os estudos que enfoquem a relação de gênero na cultura contemporânea.

## **5. Conclusão**

Seria difícil imaginarmos que Nelson Rodrigues insistisse na suposição de que o futebol seria um assunto “antifeminino” (1993: 142). Ao tomar conhecimento de que o IBOPE teria constatado que 50% do seu público era composto por mulheres, Nelson Rodrigues comenta que dentre suas leitoras “muitas jamais entraram no Estádio Mario Filho; e suspiram – ‘Eu não gosto de futebol’” (1993: 142). Entretanto, várias mudanças ocorreram e hoje em dia Nelson certamente diria algo bem diferente, principalmente se soubesse que na Inglaterra, por exemplo, uma pesquisa recente mostrou que as mulheres formam 37% da audiência do famoso programa esportivo “Match of the Day” da BBC de Londres. Atualmente, é considerável o número de mulheres que abrigam o futebol em suas vidas, principalmente como torcedoras. A partir da relação com o esporte mais popular do país, algumas mulheres têm tido a oportunidade de construir perfis diferentes daqueles que estávamos acostumados.

Em dias de jogo do Vasco da Gama, Dona Penha, uma das presidentes da torcida Tulipas Vascaínas, vai cedo para o estádio e se abanca em algum bar para comer churrasquinho e beber cerveja junto aos amigos enquanto a partida não começa. Tia Ruth, torcedora-símbolo e membro do conselho do América Futebol Clube, aos oitenta anos de idade, aparece no documentário “Paixão rubra” de Marcelo Migliaccio contando seu caso de amor com o time do Rio de Janeiro. A vereadora e colunista da *Folha de São Paulo*, Soninha Francine, fala em entrevista que o futebol livrou-a da angústia de seus domingos e transformou esse dia num



momento especial e aguardado ([http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/brasil/2010001-2010500/2010451/2010451\\_1.xml](http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/brasil/2010001-2010500/2010451/2010451_1.xml)).

As mulheres também têm sido cada vez mais responsáveis por “iniciarem” os membros mais jovens da família na paixão pelo futebol, função que era exercida basicamente por homens. Nos estádios podemos ver mulheres de todas as idades levando filhos, netos e sobrinhos para torcer por algum clube, ensinando-lhes uma série de rituais como cantar o hino ou balançar a bandeira do clube assim que ele pisa o gramado. Dona Maria de Lurdes, a Vovó Tricolor, logo que nasce uma criança na família compra enxoval com as cores e o escudo do seu tricolor das Laranjeiras. Graças à sua influência, a filha Rosângela transformou-se numa apaixonada freqüentadora do Maracanã e torcedora do Fluminense. Já no filme “O casamento de Romeu e Julieta”, de Bruno Barreto, vemos a personagem dona Nenzica acompanhar neto e bisneto aos jogos do Corinthians e servir-lhes de importantíssimo referencial no que diz respeito ao amor pelo time do Parque São Jorge.

É possível vê-las chorando copiosamente pela derrota ou pela vitória do seu clube de coração. Não é nada difícil assisti-las a lançarem impropérios quando o atacante de seu time perde um gol. Elas também podem ter acessos de fúria e fazerem como a apresentadora Milly Lacombe que já confessou ter chutado e quebrado seu aparelho de televisão por causa do Fluminense. É muito comum que meninas platonicamente tornem suas fantasias plenas de imagens de jogadores, esses heróis modernos. Outras tentarão tirar proveito do dinheiro e da fama que cercam o futebol, casando ou vivendo um rápido romance com algum jogador, que seja de preferência internacionalmente conhecido.

Entretanto, essa heterogeneidade é, muitas vezes, abafada porque, como foi visto ao longo deste texto, parte do público feminino está em busca de legitimidade. Nessa busca, o conceito de torcedora reveste-se com uma capa de autenticidade e distinção, tornando necessário

critério para utilizá-lo. Esses critérios ancoram-se em um conjunto pequeno de expectativas que, caso não cumprido, provoca estranhamento e rejeição. Porém, é importante lembrar que mecanismo classificatórios similares foram um dos principais responsáveis pela atribulada inserção das mulheres no território futebolístico. Repeti-los seria pouco profícuo.

Não é possível negar que a identidade como projeto individual ou coletivo tem sido um importante instrumento político de reivindicação de direitos. Entretanto, trata-se de um projeto que freqüentemente requer a necessidade de afirmação que, por sua vez, se dá em oposição a uma alteridade concebida como portadora de atributos dos quais acreditamos não compartilhar. É desnecessário lembrar que essa postura está por trás de muitos choques e conflitos ocorridos entre nações, grupos e tribos contemporâneas. Nesse sentido, é interessante pensar na instigante proposta de “minimizar identidades” do teórico alemão Hans Ulrich Gumbrecht.<sup>7</sup> Segundo as palavras do autor:

Isto não quer dizer que no futuro a gente vai ficar sem identidade (...) Se falo em minimização de identidades individuais ou coletivas, falo de abandonar aquela obrigação, aquela pressão social politicamente correta, de formar identidades como projeto. Acho que deveríamos minimizar o projeto de ter identidade. O que eu imagino é uma substituição de uma política de identidades por um jogo flexível de papéis (1999: 124).

Seria importante conceber a torcedora como um papel que pode ser vivido de diferentes modos e portar diferentes significados em contextos diversos, pois, assim, a perigosa procura por atributos de autenticidade se tornaria dispensável.

Então, o que é uma torcedora?

Podemos parodiar Oswald de Andrade e responder: Ela é trezentos... ela é trezentos e cinquenta.

---

## Notas

<sup>1</sup> Humberto Eco confessa que além de não gostar, jogava muito mal, por isso freqüentemente se sentia “diferente” dos outros meninos. Muitas vezes para se sentir mais integrado com seus colegas do sexo masculino, o próprio Eco pedia ao pai para levá-lo aos estádios. Dessa convivência forçada, não brotou nenhum caso de amor com futebol. Os poucos textos que o semiólogo dedicou ao tema, fez questão de enfatizar vários aspectos negativos desse esporte.

<sup>2</sup> Somente na década de 1980 é que o futebol feminino foi oficializado pela, então, Confederação Nacional de Desportos – CND (Bruhns 2000: 79).

<sup>3</sup> O autor explica que "a pergunta do título, não é mais do que a forma negativa de responder a outra pergunta que muitos homens se podem pôr: Por que razão nos dispomos, por vezes contra toda lógica e todo conforto, a ir ao espetáculo ver jogar a nossa equipa (...)?"

<sup>4</sup> Esse é o trecho de uma longa entrevista que realizei neste ano com a Vovó tricolor. Em seu depoimento a torcedora-símbolo do Fluminense contou que sua primeira visita ao Maracanã ocorrera por volta dos seus 12 anos de idade. Nessa época Dona Maria de Lurdes vivia num internato que uma vez por ano deixava suas melhores alunas visitarem o majestoso estádio. Hoje em dia a Vovó tricolor é facilmente reconhecida, pois nos jogos está sempre vestida a caráter: de cartola e fraque, sempre acompanhada do seu galo Paquito Pet. Ela lamentou muito o fim da geral, seu espaço preferido no Maracanã. Interessante essa preferência já que a geral era associada a desconforto, bagunça e por conta disso, somente um público mais pobre por falta de opção o freqüentaria. Não apenas a Vovó tricolor enaltece a geral como a torcedora-símbolo do Flamengo, Dona Zica, orgulhava-se de dizer que havia conhecido seu marido na geral, lugar que desde os 7 anos freqüentava. Dona Zica se mostrou mais radical e disse que sem a geral, deixaria de ir ao Maracanã: “Com todo mundo sentado, vou preferir ver o jogo da minha casa” (*Folha de São Paulo*, 24/04/2005).

<sup>5</sup> Victor Andrade de Melo comenta em seu livro *Cidade esportiva* que no início do século XX, no Rio de Janeiro, era comum denominar de *sportwomen* as mulheres que comparecessem com certa freqüência nos eventos esportivos (2001: 214).

<sup>6</sup> A personagem grã-fina narina de cadáver é interessante, não apenas porque relaciona o público feminino à falta de familiaridade com o futebol, mas também porque o relaciona a classes sociais mais favorecidas. Atualmente, algumas pesquisas acadêmicas, principalmente da Inglaterra, entendem que o aumento da participação feminina como público do futebol aponta para uma “transformação mais fundamental do futebol para um esporte de classe média” (Giulianotti 2002: 197).

<sup>7</sup> No que diz respeito às questões em torno da construção social dos gêneros, a proposta de Gumbrecht também se mostra pertinente. Caberia perguntar, então, sobre a possibilidade de minimizarmos as identidades de gênero visando compreender o masculino e o feminino como dimensões intercambiáveis e pouco estáveis. É interessante, também, invocarmos as provocações de Donna Haraway ao vislumbrar a possibilidade de um mundo sem gênero. A bióloga e feminista norte-americana entende que as categorias homem ou mulher estão desgastadas, pois, aglutinam as variedades em uma totalidade. É no *cyborg* que Donna Haraway se fixa apontando-o como a figura que não pode ser reduzida a simples dualismos, pois, o *cyborg* confunde os limites entre corpo e mente, natural e artificial, orgânico e inorgânico, assim como, várias outras oposições. Ele é o grande arauto de "um mundo pós-gênero, talvez um universo sem gênese, mas que pode ser também um mundo sem fim" (1994: 245).

**Bibliografia:**

ARCHETTI, Eduardo. 2003. *Masculinidades*. Fútbol, tango y pólo em la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia.

BRUHNS, Heloisa Turini. 2000. *Futebol, carnaval e capoeira*. Entre as gingas do corpo brasileiro. SP: Papirus.

CARVALHO, João Antero de. 2005. “Dulce Rosalina: a apaixonada torcedora”. In: ——— *Torcedores de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: Teatral.

CODDINGTON, Anne. 1997. *One of the lads*. Women who follow football. London: Harper Collins.

COUTINHO, Edilberto. 1980. *Criaturas de papel: temas de literatura & sexo & folclore & carnaval & futebol & televisão & outros temas da vida*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira,

DAMATTA, Roberto. 2006. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco.

DIAFÉRIA, Lourenço C. 1968. “A mais que fiel Elisa”. In: PEDROSA, Milton. *O olho na bola*. Rio de Janeiro: Itambé.

DUNNING, Eric/ MAGUIRRE, Joseph. 1997. “As relações entre os sexos no esporte”. *Revista de estudos feministas*. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, p. 321- 48, v.5, n° 2,.

ECO, Humberto. 1984. “O mundial e suas pompas”. In: ——— *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GARCIA, Edson Gabriel. 2005. "O goleiro do time". In: MATTOS, Cyro de. *Contos brasileiros de futebol*. Brasília: LGE.

GIULIANOTTI, Richard. 2002. *Sociologia do futebol*. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria.

GUMBRECHT, Hans U. 1999. "Minimizar identidades". In: JOBIM, José Luís. *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ,

HARAWAY, Donna. 1994. "Um manifesto para os *Cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista da década de 80". In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.

IGLESIAS, Luiz/ PARADELLA, M. 1927. "As torcedoras". Arquivo Nacional. Delegacia auxiliar da Polícia do Rio de Janeiro (índice de peças, gêneros e onomásticos) SDE 021, Código de fundo 6E.

LEVER, J. 1983. *Loucuras do futebol*. RJ: Record.

LIPOVETSKY, Gilles. 1999. *La tercera mujer*. Permanencia y revolución de lo femenino. Barcelona: Editorial Anagrama.

MACHADO, Antonio de Alcântara. "Corinthians (2) X Palestra (1)". 1990. In: RAMOS, Ricardo. *A palavra é... futebol*. São Paulo: Scipione.

MELO, Victor Andrade de. 2001. *Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj.

MORIN, Edgar. 1975. "A promoção dos valores femininos". In: ——— *Cultura de massa no século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

PEDROSA, Milton (org.). 1967. *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. 2000. *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

QUINTILIANO, Antonio. 1921. “A torcedora do Vasco”. Arquivo Nacional. Delegacia auxiliar da Polícia do Rio de Janeiro (índice de peças, gêneros e onomásticos) SDE 021, Código de fundo 6E.

RODRIGUES, Nelson. 1993. “O escrete de feras”. *À sombra das chuteiras imortais*. Crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras.

ROSENFELD, Anatol. 2000. *Negro, Macumba e futebol*. Petrópolis: Perspectiva.

SALDANHA, João. 1971. *O futebol*. Rio de Janeiro: Bloch Editores.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. 2004. *Os perigos da paixão*. Visitando as jovens cariocas. Rio de Janeiro: Annablume.

TOLEDO, Luiz Henrique de. 1996. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Anpocs.

WOOLF, Virginia. 1985. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

———. 1997. *Kew Gardens. O status intelectual da mulher. Um toque feminino na ficção. Profissões para mulheres*. São Paulo: Paz e Terra.

**Sobre a autora:**

Leda Maria da Costa é Mestre em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com a dissertação *O invisível refletido. A representação da morte e dos mortos nas Memórias Póstumas de Brás Cubas e Crônica da casa*

---

assassinada. Pelo mesmo programa é doutoranda em Literatura Comparada desenvolvendo a pesquisa *Mulheres que amam demais. Que amam demais futebol*. Contato: ledamonte@hotmail.com